

## PROCESSOS GRUPAIS: A SISTEMATIZAÇÃO DE UM ROTEIRO PARA INTERVENÇÃO EM GRUPOS

### GROUP PROCESSES: A SYSTEMATIZATION OF A SCRIPT FOR INTERVENTION IN GROUPS

Marieli Mezari Vitali<sup>1</sup> Amanda Castro<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo propor uma sistematização de roteiro para encontros grupais. Para tanto foram utilizadas na revisão narrativa de literatura autores que coadunam com a epistemologia psicodramática. A sistematização do roteiro propõe a necessidade de respeito à momentos de autoconhecimento, de reconhecimento de si e do outro e de gradativa inserção no grupo. Para a elaboração desses momentos foi levada em consideração a Teoria da Matriz de Identidade Moreniana. Espera-se que com essa sistematização profissionais de saúde e facilitadores grupais possam melhor organizar suas ações em grupo, tendo em vista as necessidades de verticalização e horizontalização no grupo.

**Palavras chave:** Grupo. Social. Roteiro.

**ABSTRACT:** This article aims to propose a systematized script for group meetings. For this, we use narrative review by authors of literature that are consistent with a psychodramatic epistemology. The systematization of the script offers the need to respect the moments of self-knowledge, the recognition of oneself and the other and the gradual insertion in the group. For the elaboration of these moments, the Morenian Identity Matrix Theory was taken into consideration. It is hoped that with this systematization of health professionals and group facilitators they will be able to better organize their actions in groups, in view of the needs of verticalization and horizontalization in groups.

**Keywords:** Group; Social; Script.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia – UFSC. [marielimezari@gmail.com](mailto:marielimezari@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora e Mestra em Psicologia – UFSC. [amandacastrops@gmail.com](mailto:amandacastrops@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Silvia Lane (2011/1981) reflete que a psicologia é o estudo do comportamento humano, por mais que a definição de comportamento se diferencie conforme a abordagem teórica utilizada. Em contrapartida, Bernardes (2007) aponta a subjetividade como objeto da psicologia, o que a torna comprometida com o social. O ser humano é considerado um ser social, que desde o nascimento necessita de outras pessoas para sobreviver e se desenvolver, e ao longo da vida é inserido em diversos grupos e contextos (Lane, 2011/1981), família, escola, amigos, trabalho, faculdade, entre outros. Nesse sentido, o social na psicologia surge de diversas formas e ao longo do tempo foi sendo trabalhada e lapidada.

De maneira simplificada, em seus primórdios, a perspectiva comportamentalista da psicologia experimental considerava o externo ao indivíduo como estímulos objetivos que atuavam em nível sensorial, não havia uma compreensão do ambiente social a partir de sua perspectiva cultural. A psicanálise adicionou avanços consideráveis no que tange a psique humana, no entanto, inicialmente não considerou o social na constituição da psique, e perpetuou a dicotomia entre social e psicológico. Com a teoria histórico-cultural de Vygotsky passa-se a considerar o social em uma perspectiva de causa e efeito, em que as funções psíquicas têm uma origem social, ou seja, o “social” se reduz a relação direta com objetos do contexto imediato e determinista da psique (Rey, 2017).

Nesse breve e sintetizado percurso histórico identifica-se que o social nem sempre foi considerado ao se trabalhar com os indivíduos. Na psicologia, criou-se um estereótipo de que trabalhar com o social é responsabilidade da área de Psicologia Social, definida por Myers (2014) como o estudo das relações e de como os indivíduos se influenciam mutuamente, as atitudes, crenças, pressões sociais, aspectos culturais e grupais.

No entanto, inferir que somente a psicologia social trabalha com grupos é restringir a Psicologia. Em suas diversas áreas é possível trabalhar com grupos, na área social, hospitalar, saúde, escolar e até mesmo clínica. De acordo com Malaquias (2012, p. 17), estamos na era da globalização e dos agrupamentos, macro e micro associações, grandes corporações ou associações de moradores, que por questões ideológicas ou de sobrevivência, “pautam sua existência pela vida em grupo”. Para Knobel (2012, p. 38) grupo é uma forma “de agregação humana, com diferentes formas de funcionamento e de estruturação que podem ser observadas

empiricamente. Além de encarnar múltiplos modos de coexistência, os grupos se configuram por meio de um repertório de papéis e de alguns projetos comuns”. Para a autora, trabalhar com grupo possibilita que diferentes pessoas se beneficiem das relações estabelecidas e se transformem.

A abordagem psicoterápica desenvolvida por Jacob Levy Moreno, Psicodrama, faz parte de uma ampla teoria denominada Socionomia. A socionomia é considerada uma ciência que estuda os grupos e possui 3 eixos, o estudo dos processos grupais (Sociodinâmica), a métrica dos vínculos afetivos entre os indivíduos de um grupo (Sociometria), e o tratamento dos vínculos e conflitos grupais (Sociatria) (Nery, 2010). Sendo, portanto, uma relevante base para os profissionais que trabalham com grupos, independente do contexto e área.

O desenvolvimento da teoria Moreniana teve início com o Teatro da Espontaneidade e, posteriormente, o Teatro Terapêutico (Moreno, 2014). Nesse contexto, o início da teoria foi estimulado por relações interpessoais e processos grupais, e sua teoria engloba diversas ferramentas de trabalho no cuidado ao grupo.

O sociodrama é uma ferramenta caracterizada por ser uma forma de psicoterapia de grupo, que trabalha as relações intergrupais, tendo como foco os papéis sociais e como são desempenhados, e os objetivos e problemas em comum do grupo. Já o psicodrama é caracterizado por trabalhar com um membro do grupo como protagonista, seu drama individual é conectado com o drama coletivo e, através da identificação dos membros do grupo com o protagonista ocorre a catarse de integração (Nery, 2010).

Nery (2019) aponta o sociodrama como um método de ação efetivo em intervenções de situações ou problemas em ambientes escolares, organizacionais ou comunitários. Trata-se de um método vivencial que pode ser utilizado como forma ativa de ensino-aprendizagem, que pode ser trabalhado em sua função socioterapêutica nas relações grupais, por exemplo, em processos de inclusão e exclusão. Ou então, trabalhar com situações-problema à determinados grupos, como as dificuldades enfrentadas por professores em sala de aula.

Nesse contexto, com base em uma perspectiva sociodramática, a partir de uma revisão narrativa de literatura, o presente estudo tem como objetivo compartilhar uma sistematização de roteiro para encontros grupais.

## 2. ENCONTRO GRUPAL: INÍCIO, MEIO E FIM

O sociodrama como método de ação permite que o coordenador/facilitador do grupo se insira no contexto e se relacione diretamente com os participantes. Ainda, permite identificar os papéis sociais dos participantes por meio de falas, histórias, crenças, afetos, posturas, comportamentos e pela dinâmica grupal (Nery, 2019). Moreno, ao desenvolver o sociodrama define que toda sessão é dividida em 3 etapas: aquecimento, dramatização e compartilhamento.

O aquecimento é o momento em que o coordenador/facilitador e os membros do grupo se preparam para o encontro terapêutico. Nesta etapa o diretor usa recursos ou técnicas, seja com iniciadores mentais, corporais, imaginários ou outros recursos para essa preparação (Nery, 2010). O aquecimento é um processo que se manifesta no organismo conforme este se esforça para realização de um ato, que para Moreno (2014) é composto por expressões somáticas, psicológicas ou sociais. Ainda, o aquecimento divide-se em duas etapas, o inespecífico corresponde a expressões iniciais para preparação do grupo, e o aquecimento específico objetiva preparar os participantes para o tema a ser trabalhado (Malaquias, 2012).

A etapa da dramatização corresponde ao momento de vivenciar o tema do encontro, concretizando-o na realidade suplementar. A imaginação é a base nesta etapa, pois a vivência é aprofundada no “como se”, aqui pode-se utilizar as técnicas psicodramáticas para resolução de conflitos e reafirmação da identidade. O compartilhamento é a etapa final e corresponde ao momento de expressar os sentimentos e o que percebeu durante o encontro (Nery, 2010). Zerka Moreno, Blomkvist e Rützel (2001) complementam que em um grupo o compartilhamento é o momento em que os participantes compartilham o que do tema trabalhado despertou da sua própria vida. Esse não é o momento de dar conselhos ou analisar o que foi dito e dramatizado entre os membros.

Na socionomia, a teoria de personalidade desenvolvida por Moreno é denominada Matriz de Identidade, que se refere ao local/grupo em que o indivíduo está inserido ao nascer e estabelece a base para as demais combinações de vínculos que serão desenvolvidos posteriormente. A Matriz de Identidade é a base psicológica para o desempenho dos papéis e para outros fenômenos como identificação, projeção, transferência, e corresponde a 5 fases (Moreno, 2014).

A primeira fase é a indiferenciação entre o EU e o OUTRO, tudo é uno. A segunda fase corresponde ao foco no outro, à parte estranha a ela. A terceira etapa é caracterizada pela separação entre o EU e o OUTRO, ou seja, reconhece a si mesmo e o outro na

medida em que se diferencia. A quinta fase é concebida como a inversão de papéis, na qual a criança assume o papel do OUTRO e esse OUTRO representa o seu papel, completando dessa forma, o ato de inversão de identidade (Moreno, 2014).

Posteriormente, Fonseca Filho (1980) desenvolveu a teoria da Matriz de Identidade a partir dessas fases primordiais conceituadas e de sua prática e reflexão clínica, essas etapas não são divididas rigorosamente por idades cronológicas e são dinâmicas, se alternando ao longo da vida conforme às experiências dos indivíduos. Dentre as etapas indicadas por Fonseca, após sair da indiferenciação inicial, a criança passa pelo reconhecimento do EU, em que aos poucos vai descobrindo sua identidade, e o reconhecimento do TU em se reconhece como sujeito e também reconhece o outro, identificando as diferenças entre o EU e o TU, e as reações do outro perante as suas investidas.

Após algumas fases o indivíduo é capaz de reconhecer o ELE, nesta etapa o relacionamento que antes era bipessoal passa a ser triádico, por isso conhecida como a fase da triangulação. É caracterizada pela percepção de que não é única para o TU, que este se relaciona com outros TUs, ou seja, com o ELE, a criança sente-se rejeitada, como se tivesse perdido o seu TU para o ELE, portanto, a relação do EU-TU é influenciada pela forma como ocorrem as relações TU-ELE e EU-ELE. Após superar essa etapa a criança passa para a fase da circularização em que está preparada para se relacionar com mais pessoas, ou seja, passa a se socializar, conviver com grupos de amigos, da escola e de outros ambientes que frequenta, ou seja, passa a relacionar-se com o ELES, a partir do momento que sente-se incluído no grupo passa a ser o EU-NÓS (Fonseca Filho, 1980).

Nesse contexto, um grupo é um conjunto de pessoas, articuladas entre si por papéis e objetivos em comum. O EU se abstrai nos GRUPOS, através de processos identitários, conflitos afetivos e exercícios de poder. A partir da superação entre o que é do indivíduo e o que é coletivo, ocorre a separação entre psique e sociedade, o meu EU é composto por vários EUs que existem devido ao OUTRO com quem convivo e seus muitos OUTROS (Nery, 2010).

A teoria da Matriz de Identidade é utilizada não apenas para compreender o desenvolvimento de um indivíduo em atendimentos clínicos. Por possibilitar a compreensão de como os indivíduos estabelecem seus vínculos, é uma importante ferramenta no trabalho com grupos. Essa teoria indica também os processos pelos quais os indivíduos passam para se tornar pertencentes a um grupo, portanto, é essencial para a elaboração de roteiros grupais. Knobel (2012) sistematiza as fases da matriz de identidade aplicando-a aos grupos.

Quando um grupo se reúne pela primeira vez o coordenador/facilitador é essencial para a comunicação, estabelecendo o contrato de trabalho com o grupo, englobando o compromisso com o sigilo e o nível de implementação dos resultados. Posteriormente, com o foco no aquecimento inespecífico, o coordenador promove atividades que englobe o momento denominado “Momento de isolamento”. Nesse momento, os participantes tendem a se retrair, em uma postura de observação e precisam sentirem-se acolhidos e orientados. Cabem, portanto, tarefas introspectivas nas quais os participantes estejam em contato consigo mesmos: seu próprio corpo, suas experiências e seus sentimentos. Tais estados individuais podem ser compartilhados em subgrupos, o que conduz para o momento de diferenciação horizontal, em que a ação ainda é individual, mas já dirigida aos outros. Em direção à “diferenciação horizontal” os participantes são orientados a continuarem se conhecendo, mostrando-se e conhecendo os outros, portanto, há o foco identitário e de ampliação de pertenças. Nesse momento, as ações do coordenador pretendem valorizar as diferenças, permitindo a evidência ou constituição de redes relacionais. Em seguida o coordenador pode levar o grupo em movimento de “diferenciação vertical”, no qual o grupo tem autonomia e pode se autogerenciar. Essa etapa promove o mapeamento dos diferentes objetivos individuais, mas salienta as reciprocidades temáticas e vinculares (Knobel, 2012).

### 3. ROTEIRO PARA TRABALHO GRUPAL

O sociodrama e suas etapas, juntamente com a teoria da Matriz de Identidade são bases importantes para ações grupais, mesmo que não use especificamente o sociodrama e suas ferramentas. A seguir há o relato do roteiro elaborado em uma atividade de campo, com o objetivo de auxiliar residentes de um Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva atuantes em instituições de saúde da região sul de Santa Catarina. Apesar de utilizar como base uma teoria psicológica, o roteiro sistematiza uma maneira de elaborar encontros grupais, seja no contexto social ou educacional.

Ainda, o modelo não é destinado somente à psicólogos, afinal, sua elaboração inicial teve como objetivo servir como base para residentes multiprofissionais, portanto, profissionais de diversas áreas. Outros profissionais que atuam com grupos também podem utilizá-lo, desde que capacitados para tal. Além disso, não são necessárias utilizar ferramentas psicodramáticas nos encontros, a não ser que seja uma opção do coordenador/facilitador e que o mesmo as conheça.

Uma dificuldade identificada em conversa com os residentes foi a alta demanda da Unidade Básica de Saúde e a dificuldade em trabalhar com grupos. Apesar do trabalho grupal ser uma forma de “desafogar” as filas de espera para atendimentos, os residentes não se sentiam preparados para tal empreitada, e relataram dificuldades para a elaboração de um grupo em prol do bem-estar feminino para as usuárias do serviço.

O Quadro 1 contém a sistematização de um modelo de encontro grupal, tendo como base o primeiro encontro de um grupo para bem-estar feminino, com o objetivo de autoconhecimento. Contudo, o quadro indica o roteiro grupal, e posteriormente reflete-se sobre as escolhas e formas de lidar com um encontro de grupo, com base na literatura sociodramática indicada acima.

Quadro 1

*Sistematização de um roteiro de encontro grupal*

<b>Grupo de bem-estar feminino</b>	
<b>1º encontro</b>	
<b>Objetivo</b>	Autoconhecimento
<b>1º momento</b>	<p>1) Iniciar com um aquecimento mais introspectivo, pode-se começar solicitando que fechem os olhos, respirem, percebam como seu corpo está nesse momento, que foquem em si mesmas e aos poucos irem prestando atenção nos barulhos do ambiente para primeiramente possibilitar um grau de introspecção (Reconhecimento do EU);</p> <p>2) Após o aquecimento inicial, deve-se realizar um outro aquecimento, mas já relacionado a temática a ser trabalhada, como por exemplo, como elas se sentem estando em um grupo, que pensem se já participaram de algum grupo terapêutico anteriormente, como foi a experiência, quais foram os aspectos positivos e quais os negativos que perceberam durante esse processo terapêutico grupal, caso alguém nunca tenha participado, que pense em como acha que é;</p> <p>3) Depois, pede-se para que se juntem em duplas e contar essas experiências uma para a outra (Reconhecimento do TU). Após permitir um tempo para que troquem as experiências, antes de colocá-las para falar para o grande grupo, pode-se pedir para que troquem de duplas para relatar, ou então, que agora individualmente pensem sobre o que elas esperam desse grupo e compartilhem em trios (Reconhecimento do NÓS).</p>
<b>2º momento</b>	Através de algum objeto intermediário (imagens, músicas, alguma atividade ou dinâmica) fazê-las refletir sobre o que nesse momento de suas vidas é importante, refletirem sobre sua saúde, sobre o que gostam e o que não gostam de fazer, sobre conhecimentos que aprenderam e que para elas são valiosos e o que mais gostariam de saber, de conhecer sobre si mesmas, sobre suas saúdes, etc. Pedir para que compartilhem em grande grupo e o coordenador/facilitador irá trabalhar com os conteúdos que surgirem.
<b>Finalização</b>	Nesta etapa pode-se pedir para que com uma palavra ou frase cada uma conte como foi o encontro para si, ou então pedir que cada uma fale um pouco sobre como foi a experiência do encontro.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Considera-se que neste primeiro encontro é importante realizar atividades de conhecimento de si e do outro, pois para que se torne possível se abrir para o grupo é preciso fazer com que as pessoas deixem de ser “desconhecidas” e estabeleçam vínculo. O primeiro momento pode ser nomeado como aquecimento, é importante lembrar que muitas pessoas ficam desconfortáveis diante de situações novas e em relatar questões pessoais para pessoas que acabou de conhecer, então é preciso fazer com que se sintam mais confortáveis com essa situação. Como o objetivo do encontro é o autoconhecimento, mas também o reconhecimento das outras participantes do grupo, é importante realizar primeiramente um aquecimento mais introspectivo, respeitando as fases do grupo e da Matriz de Identidade (Reconhecimento do EU, Reconhecimento do TU e Reconhecimento do NÓS).

Dessa forma, não é necessário já iniciar as reflexões sobre a temática em si, mas ir introduzindo aos poucos. Por isso é importante iniciar com atividades introspectivas para o Reconhecimento do EU, e posteriormente ativar a percepção de que estão em grupo e que há outras pessoas presentes, mas já em um grau de entrega e relaxamento maior. Portanto é possível aliviar a ansiedade de quem se sente desconfortável em estar em grupo, mas também diminuir a agitação de algum participante que possa vir a ser sempre o “centro das atenções”, sendo sempre a sua história prevalecente nos encontros.

Após o aquecimento inicial, deve-se realizar um outro aquecimento, mas já relacionado a temática a ser trabalhada, denominado na Socionomia como aquecimento específico. Nesse momento pede-se para que se juntem em duplas e relatem essas experiências uma para a outra, a fim de propiciar o reconhecimento do TU. Esse momento de reconhecer o outro presente no grupo é importante e uma forma de estabelecer vínculos de afeto e confiança, antes de abrir para relatos pessoais ao grande grupo. Duas formas de trabalhar esse estabelecimento e/ou fortalecimento dos vínculos, e proporcionar mais segurança às participantes é trocar as duplas para compartilhar as experiências ou formar trios ou quartetos, dependendo da quantidade de pessoas, caminhando assim para o reconhecimento do NÓS: o reconhecimento daquele agregado de pessoas como um grupo.

No segundo momento entra-se na temática principal do encontro, elas já tiveram contato consigo mesmas e com algumas pessoas do grupo, resta colocá-las para conversar em grande grupo. O uso de objetos ou elementos intermediários é importante para a reflexão sobre a temática abordada. Nesse momento, o grupo já passou pelas fases de reconhecimento do EU, do TU e do NÓS, e está “aquecido” para compartilhar em grande grupo. No entanto, caso ninguém se disponha

a falar, ao invés de apontar para que alguém fale, um dos residentes/facilitadores do grupo pode iniciar falando sobre sua experiência pessoal, para que estimule que elas também falem. Sempre importante ressaltar que não se deve solicitar que o grupo faça algo que você não estaria disposto a fazer (Bustos, 2005), coloque-se no lugar do grupo.

A partir dos relatos adquiridos conforme o roteiro do Quadro 1, o coordenador conseguirá: a) saber o que as participantes esperam do grupo, e analisar o que é possível realizar e abordar nos encontros posteriores; b) proporcionar que as participantes entrem em contato consigo mesmas e entendam suas necessidades e desejos, e c) propiciar que o grupo se conheça e se integre.

Após o segundo momento, antes de encerrar o encontro é sempre importante ter um *feedback* das participantes, denominado na teoria sociodramática como compartilhamento. É sempre importante que todos falem alguma coisa, uma palavra ou frase que corresponda a como se sentiu ou o que achou do encontro. Por mais simples que pareça é uma forma de estabelecimento e reforço dos vínculos grupais.

Com base no modelo proposto é possível elaborar os demais encontros, definindo os objetivos posteriores. Ainda, o mesmo objetivo pode corresponder a mais de um encontro, sendo trabalhado de formas diferentes. O modelo de primeiro encontro do Quadro 1 é pensado de forma a que os temas dos encontros posteriores correspondam às necessidades grupais.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo na condição de organismo vivo exige do coordenador flexibilidade em seu planejamento. Entretanto, torna-se evidente a necessidade de sistematização de um plano de ação grupal, visando o acesso aos conteúdos individuais e relacionais. É preciso compreender que a inserção em um grupo pressupõe movimentos individuais e coletivos e nesse sentido, o grupo necessita de momentos de introspecção e de extroversão, em direção à uma pertença grupal. Para que o indivíduo se sinta pertencente à um grupo este necessita inicialmente se reconhecer, para posteriormente reconhecer-se enquanto membro daquele grupo.

Nasce-se e vive-se em grupos, o ser humano é relacional e, portanto, necessita dos grupos para manter seu papel. Só existe um professor porque há um aluno e essa complementaridade de papéis exemplifica a relevância da compreensão dessa relação recíproca de influência que ocorre em díades, em grupos e que pode auxiliar o indivíduo no reconhecimento de si.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDES, L. H. G. (2007). **Subjetividade: um objeto para uma Psicologia comprometida com o social**. Conselho Federal de Psicologia; Casa do Psicólogo: São Paulo.
- BUSTOS, D. M. (2005). **O psicodrama** (3a ed.). São Paulo: Ágora.
- FONSECA Filho, J. (1980). **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora.
- KNOBEL, A. M. A. A. C. (2012). **Estratégias terapêuticas grupais**. In: Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (Orgs.). *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos* (pp. 37-53). São Paulo: Ágora.
- LANE, S. T. M. (2011). **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1981).
- MALAQUIAS, M. C. (2012). **Teorias dos grupos e psiquiatria**. In: Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (Orgs.). *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos* (pp. 17-36). São Paulo: Ágora.
- MORENO, J. L. (2014). **Psicodrama** (13a ed.). São Paulo: Cultrix.
- MORENO, Z. T., Blomkvist, L. D., & Rützel, T. (2001). **A realidade suplementar e a arte de curar**. São Paulo: Ágora.
- MYERS, D. G. (2014). **Psicologia Social** (10a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- NERY, M. P. (2010). **Grupos e Intervenção em Conflitos**. São Paulo: Ágora.
- NERY, M. P. (2019). **Sociodrama: método ativo na pesquisa, no ensino e na intervenção educacional**. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 27(1), 11-19. doi:10.15329/2318-0498.20190002
- REY, F. G. (2017). **O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito**. São Paulo: Vozes.